FORUM 12/13, Jul. 92/Jan. 93, Pág. 221-225

ARQUITECTURA EM BRAGA NO SÉCULO XVIII *

EDUARDO PIRES DE OLIVEIRA

O período de maior prosperidade artística da cidade de Braga foi o século XVIII. A cidade vivia um período de forte revitalização económica. As ruas estavam sempre coalhadas de pessoas que vinham à cidade arcebispal fornecer-se, ou encomendar, novas alfaias, imagens, pratas, etc., para as suas confrarias.

O Século XVIII foi o momento em que surgiram três arcebispos que quizeram deixar o seu nome ligado a muitas obras:

- D. Rodrigo de Moura Teles que espalhou a sua acção a toda a arquidiocese, mas cuja "menina dos olhos" era o santuário do Bom Jesus do Monte.
- D. José de Bragança, a quem se deve o ter lançado o grande André Soares, os novos Paços Arquiepiscopais, a casa da Câmara, a rede pública de abastecimentos de águas a partir das nascentes das Sete Fontes, etc.
- D. Gaspar de Bragança pelo apoio económico e educacional que prestou a Carlos Amarante e muitas outras obras.

---

* Texto e catálogo de Eduardo Pires de Oliveira realizado a propósito da exposição organizada pelo A.D.B., em 21/12/1992.

Mas não devemos esquecer aqui a acção do Cabido, no período de Sé Vacante. A ele se devem os magníficos órgãos da Sé e suas maravilhosas caixas.

Podemos dizer que arquitectura do século XVIII, na cidade, começa em 1686, data em que o arcebispo D. Luís de Sousa mandou fazer a nova igreja de S. Vitor. Logo se seguiram as construções das novas igrejas de S. Vicente e Terceiros, cujas obras se estenderam por três longas décadas e já com outra gramática construtiva e decorativa.

Para realizar estes templos foi preciso vir gente de fora. Não que em Braga não houvesse mestres de pedraria. Mas a realidade, que precisa de ser bem explorada porque nos poderá levar a caminhos extremamente curiosos, mostra-nos que os mestres que conceberam e executaram estas novas igrejas vieram na sua esmagadora maioria de fora, da zona da Maia, do Porto e de Viana.

A influência de Viana vem dos mestres projectistas. Primeiro Miguel Lescol, com o seu projecto da igreja de S. Vítor, e depois Manuel Pinto Vilalobos, com inúmeros desenhos para obras tão importantes como o Bom Jesus, Hospital, etc., etc.

Do Porto vieram o mestre de pedraria Pascoal Fernandes e seu filho Manuel Fernandes da Silva que construíram um pouco por todo o lado, mas sobretudo na cidade, obras de arquitectura civil e arquitectura religiosa. Mestre Manuel Fernandes chegou mesmo a fazer "riscos" que levaram a que fosse chamado de "architecto".

E da Maia veio toda a geração dos artistas da pedra, de apelido Moreira e que intervieram nas igrejas de S. Vítor, Terceiros, S. Vicente e uma série de outras. Por cá vieram a ficar e a constituir família. Será bem curiosos fazer a genealogia das suas obras e ver até que ponto os seus estaleiros foram importantes como escolas de prática de arquitectura e construção civil.

Todos estes homens vão deixar o seu nome ligado a uma forma de desenhar e construir arquitectura. Todos eles ficaram ligados aquilo que agora se vai chamando de "tardo clássico". É que na sua estrutura arquitectónica edifícios como S. Vitor, a casa Cunha Reis, ou o palácio dos Biscaínhos têm muito mais a ver com concepções de dois séculos atrás do que aquilo na Europa, e até em Lisboa, já se ia fazendo.

Esse programa é ainda bem visível na série de igrejas de planta centrada que a partir de 1696 se vão construindo por toda a cidade: Falperra, Paço Arquiepiscopal (hoje demolida), Guadelupe, S. Sebastião, Bom Jesus, etc. Se é certo que alguns críticos e historiadores de arte as filiam já no novo gosto barroco das plantas animadas outros há que dizem que, afinal de contas, não são mais do que uma permanência de gosto que outros edifícios como os que acima assinalamos ajudam a explicar. Também aqui há muito caminho a percorrer .

Com a morte do arcebispo Moura Teles uma certa pausa construtiva aconteceu. Curiosamente esta data é quase coincidente com a saída de Braga,

até Mafra, de Manuel Fernandes da Silva, onde pouco tempo estadeou.

Temos que esperar até meados ou finais da década de quarenta para sentir uma nova forma de conceber arquitectura. A acção e apoio de D. José de Bragança a André Soares explicam muito do que irá acontecer na cidade.

Uma série de obras como os novos Paços Arquiepiscopais, a casa da Câmara, o palácio do Raio, a igreja dos Congregados, etc. mostram bem que os tempos são já outros. Agora não interessa só a solidez dos edifícios. É preciso também que eles sejam agradáveis ao olhar e que sejam tão rendados quanto as roupas que os seus donos usavam em recepções e outras festas. A arte manuelina da filigrana de pedra é aqui reeditada durante duas décadas, e depois novamente perdida.

As fachadas são um convite à alegria, a uma transparência antes inexistente. As aberturas, isto é as portas e as janelas, ocupam um espaço maior. Isso faz com que haja mais luminosidade dentro das casas e mais elementos arquitectónicos para serem trabalhados.

Nem trinta anos durou este novo gosto. André Soares morreu relativamente novo. E D. Gaspar era dado a andar à moda. Daí que já em meados da década de setenta se começassem a ver retábulos de pendor neoclássico. A arquitectura de pedra demorou um pouco mais a aceitar o novo gosto. Não sabemos a data do novo convento do Pópulo. Mas a igreja do Bom Jesus, de 1784, é já profundamente neoclássica.

A mais curiosa e emblemática obra de todo este século é, porém, a do Hospital. Manuel Pinto Vilalobos, primeiro, marcou uma intervenção que concerteza teve uma raíz fortemente tardo clássica; depois Carlos António Florentino assinou uma alteração que acreditamos tenha sido de caríz barroco, como outras que fez na cidade. A intervenção de André Soares, que existiu, tem ainda de ser bem medida e analisada pois a documentação é escassa e fraca.

E finalmente o desenho de Carlos de Amarante. Não temos hoje dúvidas de este insigne engenheiro teve uma contribuição importante no que hoje vemos da fachada deste edifício. Mas tudo que conhecemos da sua obra não nos permite aceitar como sua, na totalidade, a planta. É difícil de acreditar que um homem que tantas obras e tão "modernas" fizera se deixasse agora prender por um corpo curvilíneo. E ainda por cima sendo esse pormenor a parte central de todo o edifício, que o marca de uma maneira extremamente forte. Como já dissemos noutro local não nos custa a acreditar que Carlos Amarante tivesse sido obrigado a aceitar todas as paredes que estavam ainda bem consolidadas, embora lhes pudesse dar um ar moderno com um novo desenho das janelas e portais. Era a solução de compromisso possível. Talvez.

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *A arquitectura civil em Braga*. "Barroco", Belo Horizonte, 15, 1992.

IDEM – *A arquitectura religiosa em Braga na primeira metade do século XVIII*. "Barroco", Belo Horizonte, 16, 1993 (no prelo).

SMITH, Robert C. – *Frei José de Santo António Ferreira* 1 vol. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

* * *

DO MANEIRISMO AO TARDO CLASSICISMC (1650-1735)

a) – Figura de turco
1 – Igreja de Sta. Cruz
2 – Igreja de S. Vítor
3 – Igreja dos Terceiros
4 – Igreja de S. Vicente
5 – Cartela da igreja de S. Vicente
6 – Capela de Penha de França
7 – Portal da capela de Penha de França
8 – Casa seiscentista da rua de S. Vítor
9 – Casa setecentista do Campo Novo
10 – Casa das Gelosias
11 – Largo do Paço
12 – Casa dos Biscaínhos
13 – Pormenor serliano da Casa dos Biscaínhos
14 – Casa Grande do Campo das Hortas (Casa dos Reis)
15 – Pormenor da Casa dos Cunha Reis

ROCAILLE (1750-1774)

16 – Igreja do convento dos Congregados
17 – Cunhal do convento dos Congregados
18 – Janela do Convento dos Congregados
19 – Capela dos Monges. Convento dos Con
20 – Oratório da Senhora da Torre
21 – Pormenor do Oratório da Senhora da Tc
22 – Palacete do Raio
23 – Porta principal do palacete do Raio
24 – Varanda principal do palacete do Raio
25 – Casa Rolão (Av. Central)
26 – Câmara Municipal de Braga
27 – Porta principal da Camara Municipal
28 – Gramática decorativa rocaille (azutigo Paço Arquiepiscopal)

CAM MINHO PARA O NEO CLASSICISMO ())

29 – Arco da Porta Nova
30 – Igreja do Hospital de S. Marcos

Extra catálogo:

– Ala barroca do antigo Paço Arquiepisco e Touros).